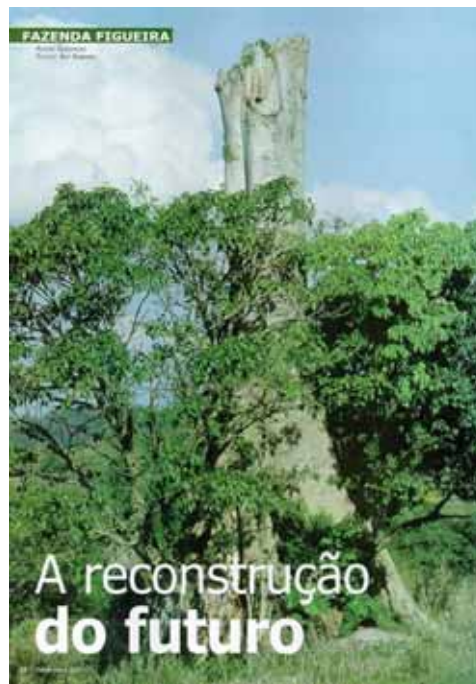


REVISTA PANORAMA RURAL

Fazenda Figueira modelo em pecuária



Herdada de um ex-aluno pela Esalq, depois de um processo de recuperação das pastagens, a Fazenda Figueira, é hoje referenda de ensino e inovação tecnológica

Quem entra na Fazenda Figueira, situada no distrito de Paiquerê, município de Londrina, Paraná, Se encanta, não apenas com as belas pastagens e paisagens, localizadas entre dois importantes rios da região, o Rio Tibagi e o Rio Taquara. Quem conhece a história da fazenda também se surpreende.

Fundada em 1949 por Alexandre von Pritzelwitz, a Fazenda Figueira, desde sua criação, serve de modelo para os produtores da região, bem como referência histórica dos pioneiros da cidade, que começou suas atividades agropecuárias nesta mesma época. No início o "Barão", como era conhecido von Pritzelwitz, tocava a fazenda com duas atividades principais, o café a pecuária de corte. A partir de 1975, depois da forte geada que dizimou a cafeicultura paranaense, a pecuária de corte passou a ser o carro-chefe da Figueira, que mantém a tradição até os dias de hoje.

Formado em 1948 pela Escola Superior de Agricultura Luiz De Queiroz, Esalq, localizada em Piracicaba, SP, von Pritzelwitz tinha um compromisso com o fundo de Apoio a Bolsa de Estudos, para estudantes carentes da faculdade e, para tanto, doou por volta de 1983 cinco apartamentos situados em Londrina, cujos rendimentos com o aluguel ainda hoje são destinados a ajudar esses alunos. Com isso, eles podem garantir o seu diploma ao final do curso e sonhar com um futuro promissor.

Mais tarde, em 1995, o Barão foi ainda mais longe. Já com mais idade e doente, decidiu fazer um testamento deixando a Fazenda Figueira de herança para a Esalq. Sua intenção era a mais simples possível: queria apenas que a Fazenda pudesse ser aproveitada por outras pessoas como forma de aprender e inovar. Para isso, estabeleceu como regra que, após sua morte, um centro experimental de estudos zootécnicos, que tivesse o nome de sua mãe, fosse implantado nas dependências da Fazenda, para que o trabalho de tantos anos de dedicação não fosse perdido. Na ocasião, sua atitude foi comparada à do próprio Luiz do Queiroz, que deu seu nome à faculdade de agronomia da



USP por ter doado o terreno onde hoje esta instalada a escola, em Piracicaba. O ato rendeu ainda para, von Pritzelwitz, um prêmio póstumo que foi recebido por sua família. Reconhecendo sua grande contribuição e homenageando-o com a inscrição de seu nome no livro do Mérito do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Em 2000, após a morte do Barão, a Figueira passou para os cuidados da Esalq, que recebeu, além dos 3.649 hectares de terras, todas as máquinas e implementos existentes, além de 3.700 cabeças de gado e mais R\$ 200 mil destinados à transferência da propriedade para a Fealq, Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz.

A partir daí, então, foi fundada a Estação Experimental Agrozootécnica Hildegard Georgina von Pritzelwitz, que leva o nome de mãe do Barão. O centro ainda não está funcionando totalmente, mas muitos alunos já foram testar seu conhecimento e até realizaram alguns experimentos, dentre eles, um novo método de medição da competitividade de determinadas ervas daninhas comuns na região. Além disso, pretende-se fazer futuramente uma área específica de alojamentos para estudantes que venham a realizar estágios no local.



Marcus Fiorini, da Dow AgroScience

Pastagens



José Renato Gonçalves,
administrador da Fazenda Figueira

Desde que a Esalq assumiu a administração da Figueira, sua principal preocupação e objetivo é a recuperação das pastagens da propriedade. "Apesar da grande dedicação que o Barão tinha, a fazenda estava abandonada e as pastagens tomadas por ervas daninhas de até 1,5 metros de altura", afirma José Renato Silva Gonçalves, administrador da fazenda e funcionário da Esalq, lembrando que von Pritzelwitz, quando ficou doente, não tinha mais como fiscalizar o andamento dos negócios de perto. Gonçalves lembra ainda que todo esse trabalho foi fundamental para a melhoria da qualidade do gado, que tinha muita dificuldade em chegar ao capim devido aos espinhos das plantas invasoras que se acumulavam no pasto.

Para recuperar a produção da Figueira, a Esalq contou com o apoio de diversas empresas, através de parcerias, entre elas a Dow AgroScience, que entrou com o principal recurso utilizado no processo de melhoramento e recuperação das pastagens. O método é simples, mas o agrônomo Marcus Vinicius Fiorini, representante de vendas da Dow, explica que existem duas formas de transformar um pasto ruim em uma área produtiva e boa para o gado. Para ele, a melhor forma de se recuperar um pasto em más condições é aplicando um produto específico na base de determinados tipos de invasoras, no caso da Figueira, plantas arbustivas, principalmente o limão-cravo, que prontamente atinge a raiz, matando a planta.

História do Barão



Von Pritzelwitz, em 1995 e em 1948

Formado engenheiro agrônomo em 1948, Alexandre Kurt Karl Erdmann von Pritzelwitz, o Barão, como era chamado, iniciou suas atividades profissionais no ano seguinte trabalhando na Fazenda Figueira em Paiquerê, município de Londrina. Filho de alemães imigrantes que inicialmente se estabeleceram na cidade paulista de Santos, von Pritzelwitz cuidou da fazenda adquirida no Paraná pela família durante 51 anos, sempre de perto, com muito interesse e dedicação. Por volta de 1995, já doente, resolveu deixar a Fazenda Figueira de herança para a Esalq. Seu objetivo era que o trabalho realizado na fazenda não

fosse esquecido, já que seus herdeiros não tinham interesse em administra-la. Mesmo antes disso, von Pritzelwitz já havia doado cinco apartamentos para a Faculdade que, com a renda obtida do aluguel dos imóveis, custeava os estudos de alguns alunos.

Depois de sua morte, a Esalq assumiu a propriedade, transformando seu trabalho com as pastagens em modelo para todas as fazendas da região.

Em seguida foi fundada a Estação Experimental Agrozootécnica Hildegard Georgina von Pritzelwitz, que leva o nome da mãe do Barão e já pode ser considerada um centro tecnológico do setor agropecuário.

"Para que isso aconteça é preciso que pelo menos duas pessoas estejam trabalhando juntas. Enquanto uma delas capina a região, cortando a planta, a outra em seguida aplica o produto em questão na área atingida pelo foice. Só assim é possível matar a planta", afirma Marcus. Ele pontua, porém, que em uma área onde a raiz é muito longa, todo esse trabalho pode não ser tão eficiente. "Em casos onde a planta já formou raízes fixas, muito compridas, vale mais a pena reformar o pasto, ou seja, entrar com arado, removendo o solo degradado, adubar toda a região e plantar novamente", diz.

Apesar disso, o agrônomo faz uma alerta para o custo do processo. "Geralmente, reformar uma área, mesmo que pequena, exige muito tempo e dinheiro. Os custos de uma recuperação são cerca de 40% mais baixos que os de uma reforma completa. Por isso, deve-se pensar no custo-benefício do processo, e verificar qual é o método mais apropriado para cada caso específico", comenta.

Resultados

Até agora, foram investidos na fazenda R\$ 657 mil, entre recursos extraídos da própria fazenda e de doações feitas por empresas, como a Dow AgroScience, e já podemos dizer que a Figueira é auto-suficiente. Segundo Moacir Corsi, professor da Esalq, especialista em nutrição animal e responsável por todo o projeto, "todo o investimento que é aplicado na fazenda, vem do lucro que ela gera". De acordo com o professor, os pastos são formados por braquiária e colonião. Além da rotação das pastagens, o gado recebe aveia e milho como suplemento alimentar em forma de silagem, também produzidos na própria fazenda, como explicou Corsi.



De cima para baixo: o pasto com plantas invasoras e já recuperado, com o gado

A raça predominante é a canchim, mas existem ainda animais charolês e nelore, que são vendidos diretamente para frigoríficos. A intenção é de que, futuramente, predomine a raça nelore. Além disso, o professor afirma que existe uma preocupação com a questão ambiental, e que uma equipe trabalha nesse sentido fazendo o levantamento da flora e da fauna da região, cuidando da preservação do solo de uma maneira geral e fazendo um relatório a cada dois meses revisando os custos e os ganhos da fazenda.

Em três anos de trabalho, 79% da área da propriedade já foi recuperado, o que corresponde a 1.900 dos 2.400 hectares de

pastagens. A diferença é notável. Ainda existem no local áreas em que o solo continua intocável, com limoeiros espalhados por todos os lados e plantas invasoras visivelmente grandes. Apesar disso, muito trabalho já foi feito, e hoje a Fazenda Figueira serve de modelo para as comunidades vizinhas, além de já ser considerada uma referência tecnológica para o setor de Zootecnia.

Segundo Laísse Garcia de Lima, esposa de Renato Gonçalves e pesquisadora da parte experimental do Projeto, até o final de 2004 toda a área de pastagens da fazenda já deve estar recuperada e pronta para ser ativada. "Nós temos o prazo de quatro anos para concluir o projeto, e agora falta pouco". Em seguida, o próximo desafio a ser lançado é o objetivo de se chegar a 10 mil cabeças de gado em três anos.



Laísse Lima anota os índices de fertilidade do gado

Segundo Laísse, essa era a grande prioridade da parte administrativa, já que antes da construção do novo espaço os funcionários viviam em casas de madeira, em condições ruins. "Logo que chegamos a fazenda, tratamos de agilizar a construção das casas de alvenaria, já que eles não tinham banheiro nem água encanada. A situação estava mesmo precária", lembra. Hoje os resultados dos investimentos já são visíveis a todos, principalmente aos próprios funcionários.



Renilda, que chegou à Figueira com apenas 15 dias de idade



As novas instalações como o curral construído perto da casa-sede, facilitam o manejo do gado



Moacir Corai mostra o processo de recuperação do pasto

Laísse fala também de muitos investimentos feitos na manutenção da Fazenda. "Nos arrumamos todas as cercas e as reconstruímos uma a uma. Às vezes encontrávamos gado em locais inesperados, tanto que quando chegamos aqui havia 3.700 cabeças de gado registradas. Hoje, esse número ultrapassa 5.500, sendo que nos ainda vendemos cerca de 2.000", diz Laísse. Outro investimento bem sucedido foi a construção de estradas de terra, que dão acesso aos pastos, e têm uma estrutura definida de forma a escoar a água das chuvas para sua lateral, com o intuito de evitar que se forme muito barro.

A Fazenda Figueira passou por muitos processos de melhoria, com uma construção de um novo curral, mais perto da casa sede e, portanto, mais acessível a todos. Mesmo assim o maior orgulho dos responsáveis pelo projeto é a nova colônia de casas dos 22 funcionários da fazenda.



Um deles é Renilda Pereira da Costa Oliveira, caseira há muito tempo, "Tanto tempo que nem me lembro". Renilda chegou a fazenda aos 15 dias de vida e reconhece todo o trabalho que está sendo feito. "Antes, nós morávamos em casas de madeira, já velhas, e agora a moradia é melhor, nós temos casas novas e plano médico", comenta satisfeita.



As novas casas dos trabalhadores, em alvenaria, são mais confortáveis